

TÍTULO:

Desejo Algorítmico: Como ‘Ser Visto Tendo’ se Tornou a Nova Moeda Social

COMO O DESEJO DE “TER” SUPEROU O “SER” — E O CAMINHO DE VOLTA

DOI 10.5281/zenodo.15812644

AUTORES:

Priscila Pinato; Arnaldo Jacaúna; Edna Pinato

Data:

Escrito em Brasília – DF, 01 de março de 2025.

Resumo:

Este ensaio percorre a linha evolutiva das aspirações humanas — do desejo ancestral de *ser* ao apelo moderno de *ter* — e revela como a sociedade atual, pautada por estímulos digitais e validação externa, perdeu o eixo do autêntico. Através de uma análise histórica, filosófica e neurocientífica, os autores demonstram como o desejo foi transformado em algoritmo e o “ter” passou a dominar a identidade humana. Apresenta-se, então, o *Método Surgir Sistemico*, como caminho prático de retorno ao *ser*, reordenando o fazer e o ter em prol de uma evolução consciente e sustentável. Um convite direto à autonomia emocional e ao despertar do ser integral.

Abstract:

“Algorithmic Desire: How ‘Being Seen Having’ Became the New Social Currency”

This essay traces the evolutionary trajectory of human aspirations — from the ancestral desire to *be* to the modern obsession with *having* — and reveals how contemporary society, driven by digital stimuli and external validation, has lost touch with authentic beings. Through a historical, philosophical, and neuroscientific analysis, the authors demonstrate how desire has been transformed into algorithm, and how *having* has come to dominate human identity. The *Surgir Sistemico Method* is then introduced as a practical path back to the *self*, reordering *doing* and *having* in favor of conscious and sustainable evolution. A direct invitation to emotional autonomy and the awakening of the integral self.

I. OS EGÍPCIOS E A IMORTALIDADE (3000 a.C. - 500 a.C.)

Muito antes de gregos se encantarem com a sabedoria ou de romanos se lançarem ao domínio do mundo, os egípcios voltaram seu olhar para um desejo ainda mais ousado de SER: **vencer a morte**.

Para eles, a vida era apenas o começo. O verdadeiro projeto começava depois do último suspiro. Morrer não significava desaparecer, mas transitar — uma passagem cuidadosa rumo a uma existência eterna, glorificada, junto aos deuses. Toda a civilização foi estruturada em torno dessa convicção.

A arquitetura da eternidade

Pirâmides, tumbas, templos e hieróglifos não foram erguidos apenas por vaidade ou grandeza. Eles eram **ferramentas rituais e tecnológicas** para garantir que a alma atravessasse com sucesso o submundo e encontrasse, enfim, a imortalidade.

Essa visão exigia um nível notável de planejamento e detalhe. A mumificação, por exemplo, era um processo meticuloso que durava cerca de 70 dias. Envolveria a retirada dos órgãos, secagem com natrão, enfaixamento cuidadoso do corpo e proteção ritual com amuletos e inscrições mágicas. Tudo isso não por superstição vazia, mas porque se acreditava que **o corpo precisava estar preservado para que a alma pudesse continuar existindo**.

Medicina: a ciência que nasceu da fé na imortalidade

Essa obsessão com a preservação do corpo foi, paradoxalmente, uma das maiores heranças egípcias para o mundo **racional**: a medicina.

Ao tentar conservar os corpos dos mortos, os egípcios foram obrigados a estudar minuciosamente os vivos. Abriram cadáveres, examinaram órgãos, registraram sintomas e tratamentos. Produziram os primeiros **registros sistemáticos de enfermidades**, catálogos de plantas medicinais, e procedimentos cirúrgicos rudimentares.

Hartson e Halverson (2023)¹ explicam que o Papiros como o de Ebers revela um conhecimento impressionante sobre o funcionamento do corpo humano — especialmente considerando que tudo isso nasceu de uma tentativa de **proteger o espírito**.

A medicina egípcia misturava rituais religiosos com observações práticas. Era, ao mesmo tempo, mística e empírica. Mas no meio de encantamentos e invocações, havia fórmulas reais, diagnósticos e até prescrições. Para quem queria viver para sempre, manter o corpo funcionando era uma arte — e essa arte deu origem à **primeira medicina científica da história**.

¹ HARTSOCK, Jane; HALVERSON, Colin. Lost in translation: the history of the Ebers Papyrus and Dr. Carl H. von Klein. Journal of the Medical Library Association, v. III, n. 4, out. 2023. DOI: 10.5195/jmla.2023.1755. Disponível em: <https://doi.org/10.5195/jmla.2023.1755>. Acesso em: 09 fev. 2025.

O coração mais leve que a pena

Na crença egípcia, ao morrer, cada pessoa teria seu coração pesado na balança contra a pena de Ma'at, símbolo da verdade e da justiça. Se o coração fosse mais leve, o falecido era digno da vida eterna. Se fosse mais pesado... bem, seu destino era o esquecimento.

Essa metáfora simples, mas poderosa, moldou não apenas os ritos mortuários, mas também **o código ético da sociedade**. Viver bem era preparar-se para morrer melhor. Moralidade, religiosidade e medicina formavam um triângulo inseparável.

Um legado que sobreviveu ao tempo

Mesmo após o fim dos faraós e a chegada de outras culturas, o espírito dessa civilização permaneceu: **a crença profunda de que a vida pode — e deve — ser prolongada e cuidada com zelo.**

No fim das contas, os egípcios não venceram a morte. Mas, em sua tentativa incansável de fazê-lo, legaram à humanidade o embrião da medicina, da ética da preservação da vida e da ideia de que **o corpo não é descartável, mas sagrado.**

E isso, talvez, seja uma forma bastante digna de eternidade.

II. O NASCIMENTO DO DESEJO DE SABER: OS GREGOS (500 a.C. - 300 a.C.)

Se os egípcios sonhavam em existir para sempre, os gregos tinham um plano de SER bem diferente: **entender o mundo — e a si mesmos — antes que o tempo acabasse.** Não queriam apenas durar, mas compreender. Assim nasceu uma das maiores viradas da história humana: o desejo de saber, por saber.

Na Grécia clássica, particularmente entre os séculos V e IV a.C., floresceu algo raro e revolucionário: a ideia de que o conhecimento podia — e devia — ser buscado por amor à verdade, não por medo dos deuses ou sede de poder. Surgia ali o embrião do pensamento filosófico, com raízes fincadas na virtude, ou, como diziam eles, na **areté** — a excelência do ser.

Os primeiros passos: da mitologia à razão

A jornada começou com os chamados pré-socráticos. Tales de Mileto, por exemplo, olhou para o mundo e não viu apenas deuses e mitos — viu padrões, causas naturais. Disse que tudo vinha da água, e pronto: a filosofia havia nascido de uma gota.

Depois vieram Anaximandro, com seu “ápeiron”, a substância ilimitada e invisível de onde tudo se origina; Heráclito, com seu universo em constante fluxo; e Parmênides, que já desconfiava que o movimento era ilusão. Eles abandonaram os deuses como resposta única e lançaram uma ousada hipótese: talvez o mundo fosse **explicável**.

Foi o início da busca pelo logos — a razão. Um rompimento suave, mas radical, com o pensamento mítico.

Sócrates: o incômodo necessário

O verdadeiro divisor de águas, no entanto, foi Sócrates. E não, ele não escreveu uma única linha. Sua obra foi a vida que viveu — e os debates que causou. Sócrates não queria ensinar respostas, queria ensinar a **fazer perguntas**.

Andava pelas ruas de Atenas desafiando cidadãos a examinarem suas certezas. Seu método — a maiêutica — funcionava como um parto: ajudar o outro a “dar à luz” suas próprias verdades, começando pela desconstrução da ignorância. Ele acreditava que ninguém erra por maldade, mas por não saber. E que uma vida sem exame... bem, não merecia ser vivida.

Não agradou a todos. Tanto que acabou condenado à morte. Mas deixou sementes que iriam florescer por séculos.

Platão e o mundo das ideias

Discípulo de Sócrates, Platão refinou o projeto filosófico grego. Fundou a Academia, escreveu diálogos imortais e propôs que tudo o que percebemos com os sentidos é apenas uma sombra do que realmente existe.

Para ele, o mundo sensível é enganoso; o verdadeiro conhecimento vem da razão. Acima da realidade física, existe o mundo das Ideias — perfeitas, eternas, imutáveis. A Ideia de Justiça, de Beleza, de Bem — essas sim são reais.

Conhecer, portanto, é **lembrar**: relembrar essas formas puras que a alma contemplou antes de cair neste mundo. A filosofia, então, tornou-se uma jornada de retorno — um exercício de libertação da alma rumo ao que ela sempre foi.

Aristóteles: a razão com os pés no chão

Já Aristóteles, aluno de Platão, preferia observar o que está aqui mesmo, ao alcance dos olhos. Fundou a lógica formal, sistematizou a biologia, a ética, a retórica, a política — e ainda teve tempo de ser tutor de Alexandre, o Grande.

Para ele, a felicidade (eudaimonia) vinha da prática da virtude ao longo da vida. O mundo era organizado por causas e finalidades (telos), e tudo tinha uma essência a ser descoberta. Aristóteles queria entender como as coisas funcionam — e por que existem como são.

Se Platão construía escadas para o céu das ideias, Aristóteles firmava os pés na terra e mapeava o jardim.

O calcanhar de Aquiles do projeto grego

Mas havia um problema. A Grécia, mesmo sendo berço da filosofia, **nunca conseguiu transformar sabedoria em estabilidade política**. As pólis, cidades-estado autônomas, viviam em guerra umas com as outras. Cada qual com seu orgulho, seu sistema, sua visão.

A genialidade dos pensadores contrastava com a fragmentação da vida prática. Durante a Guerra do Peloponeso, por exemplo, enquanto filósofos debatiam a virtude, Atenas e Esparta se destruíam em campo de batalha. A inteligência não conseguiu unir o povo. O saber, por mais elevado, não virou projeto coletivo.

Era o paradoxo grego: a flor do pensamento desabrochando em solo instável. Uma civilização que nos ensinou a pensar, mas não encontrou como **governar com sabedoria o próprio desejo de saber**.

III. O DESEJO ROMANO DE SER PODEROSO E ETERNO (200 a.C. - 400 d.C.)

Roma observa a Grécia, admira a cultura, mas não deseja tanto a sabedoria; deseja o PODER. A força romana constrói um império vastíssimo. Quando percebem que a força pura não garantiria a eternidade do império, surge o segundo pilar: o DIREITO.

O Desejo Romano de Ser Poderoso e Eterno

Se os gregos buscavam a verdade e os egípcios, a eternidade da alma, os romanos tinham uma ambição mais direta: **poder real, concreto, palpável — e duradouro**.

Roma cresceu observando a Grécia com admiração, mas não se iludiu. Valorizava a sabedoria alheia, sim, mas não a via como fim. Para os romanos, o ideal não era contemplar ideias eternas, mas **construir uma eternidade que se pudesse marchar sobre**.

A força que ergueu o império

Primeiro, vieram as legiões. E com elas, o mundo foi sendo anexado — Britânia, Gália, Hispânia, Egito, Ásia Menor... A Pax Romana não era exatamente pacífica: era fruto de disciplina militar, estratégia e uma eficiência administrativa de fazer inveja a muitos séculos futuros.

Roma construiu estradas, aquedutos, cidades inteiras — não por capricho, mas por necessidade. Governar vastos territórios exigia logística, e eles sabiam disso como ninguém. Mas cedo ou tarde, a espada encontra seu limite. E os romanos sabiam que só com força, não se governa por séculos.

O segundo pilar: a lei

Foi aí que entrou o **Direito** — talvez a maior invenção romana depois da engenharia de guerra.

Perceberam que, para manter um império coeso, era preciso mais do que legiões; era preciso **regras claras, estáveis e reconhecidas**. Assim nasceu o Direito Romano: racional, estruturado, metódico. Um sistema legal que conseguiu algo raro na história — **organizar a diversidade sem apagar identidades**.

As leis romanas não apenas pacificavam territórios; elas criavam uma lógica comum. Definiam deveres, protegiam propriedades, regulavam comércio, criavam mecanismos de justiça. E mais: permitiam que os povos conquistados soubessem onde pisavam — ou pelo menos fingissem que sabiam.

O Direito tornou-se, aos poucos, uma forma mais durável de poder. A força armada podia abrir caminho, mas era a lei que mantinha os povos dentro do império.

Da espada ao código

Essa transição do poder bruto para o poder organizado foi um dos maiores feitos da civilização romana. Séculos mais tarde, o imperador Justiniano consolidaria esse legado no **Corpus Juris Civilis**, que viria a moldar os sistemas jurídicos modernos. Até hoje, traços do Direito Romano ainda respiram nos códigos de muitas nações.

Roma não criou apenas um exército — criou um modelo de mundo. Uma civilização que buscava, através da ordem, algo próximo da eternidade. E, por um tempo, chegou perto.

Mas nem o poder é imortal

No fim, no entanto, Roma também desabou. Invasões, crises econômicas, corrupção, fragmentação interna — a receita clássica do colapso. O Império do Ocidente caiu em 476 d.C., e com ele ruiu o sonho de um domínio perpétuo.

Roma nos ensinou que **poder sem sabedoria dura, mas não se sustenta**. Que mesmo as mais robustas estruturas — sejam físicas, legais ou militares — têm prazo de validade.

E, sobretudo, mostrou que o desejo de ser forte e eterno talvez seja, ele mesmo, uma forma sofisticada de negar a fragilidade da condição humana.

IV. O FEUDALISMO: O TER HEREDITÁRIO E SAGRADO (400 - 1500)

Com a queda do Império Romano do Ocidente em 476 d.C., a Europa Ocidental mergulhou em uma longa travessia. O poder centralizado desmoronou, as cidades se esvaziaram, o comércio retraiu e o cotidiano passou a ser moldado por um sentimento predominante: insegurança.

Nascia então uma nova forma de organização social, que por quase mil anos definiria **o que era possível SER — e, principalmente, o que era possível TER**.

A terra como abrigo, moeda e altar

Num mundo em que o império havia se fragmentado e as estradas da antiguidade davam lugar a bosques ameaçadores, a terra se tornou tudo: casa, sustento, poder e, curiosamente, também fé. O feudalismo foi o nome que se deu a esse sistema onde o “ter” era, acima de tudo, “ter terra” — mas não uma terra qualquer. Era um “ter” que vinha revestido de linhagem, sangue e bênção.

Os antigos generais romanos ou líderes bárbaros transformaram-se em senhores feudais. Suas propriedades tornaram-se feudos — verdadeiros micro-reinos onde o suserano concedia terras a um vassalo em troca de lealdade, trabalho ou serviço militar. Não havia contrato no papel, mas havia cerimônia. O acordo era selado com joelhos dobrados e mãos unidas, em rituais de homenagem e investidura.

O poder não se elegia — nascia-se com ele. E quem nascia fora dele, também já sabia seu destino.

O “ter” que se herda, não se conquista

Diferente do ideal grego de excelência pessoal ou do ideal romano de conquista ativa, o mundo feudal funcionava por hereditariedade. O que se possuía era passado de pai para filho como parte natural da ordem das coisas. O feudo não era uma propriedade a ser comprada ou vendida livremente — era uma extensão da identidade familiar, algo quase místico, que vinculava o nome de uma casa à terra que ela dominava.

E para a grande maioria da população, que nascia sem terra e sem título, o “ter” se resumia à própria sobrevivência. Os servos — camponeses ligados à terra — não eram tecnicamente escravos, mas tampouco eram livres. Viviam presos ao campo, às estações e aos senhores.

A mobilidade social, que na teoria sempre existia, na prática era quase uma lenda.

O “ter” como vontade de Deus

Mas o que dava coesão a esse sistema? A fé.

A Igreja Católica, com sua autoridade moral e política, ergueu-se como o pilar invisível que sustentava toda a estrutura feudal. A divisão da sociedade em três ordens — os que oram (clero), os que guerreiam (nobreza) e os que trabalham (camponeses) — era apresentada não como uma construção humana, mas como um reflexo da ordem divina.

O poder dos reis era considerado um direito sagrado. A posse da terra, uma graça de Deus. A própria Igreja, aliás, era a maior proprietária de terras da Europa — e raramente interessada em dividir.

Com o tempo, o “ter” deixou de ser apenas um privilégio de nascimento e passou a ser um dogma silencioso, quase inquestionável. Era como se o mundo tivesse sido desenhado para ser assim — com poucos tendo tudo e muitos tendo apenas a obrigação de manter esse tudo funcionando.

Os limites da estabilidade estática

O feudalismo foi, em certo sentido, uma resposta criativa ao caos: deu à Europa séculos de relativa estabilidade. Mas essa estabilidade tinha um preço: o imobilismo. O mundo feudal era cíclico, preso ao ritmo das colheitas, ao calendário religioso, à repetição de papéis.

Enquanto o Oriente avançava em ciência, comércio e pensamento, boa parte da Europa se mantinha ancorada em um modelo que limitava tanto o progresso material quanto a possibilidade de autodefinição.

Por fim, quando o mundo começou a se expandir — primeiro com o renascimento comercial das cidades, depois com as Grandes Navegações — o modelo feudal revelou suas rachaduras. Um novo tipo de desejo surgia no horizonte: não mais apenas o de ter por herança, mas o de ter por conquista, por produção, por acúmulo.

O “ter” começava a se modernizar.

V. O MERCANTILISMO: O FAZER PARA TER (1500 - 1800)

Séculos depois, o eixo desloca-se radicalmente: o SER cede espaço ao TER.

Com as Grandes Navegações, a colonização, o comércio global, surge o mercantilismo. Agora não mais basta SER sábio, poderoso ou eterno. O desejo central passa a TER: possuir coisas, acumular riqueza, produzir, explorar, consumir.

O Mercantilismo: O Fazer para Ter e a Construção do Desejo Programado

Após a fé na eternidade dos egípcios, a sede de sabedoria dos gregos e a engenharia do poder romano, a humanidade virou mais uma vez o leme do seu destino — agora em direção ao acúmulo. E como em toda mudança de era, houve também um novo verbo dominante: **ter**.

Neste novo ciclo, o “**ser**” **cede espaço ao “ter”**. A virtude, a honra ou a glória já não bastavam. O novo ideal era mais direto, mais visível, mais material. **Possuir** tornou-se o novo sinônimo de sucesso. E a revolução começou pelas velas das caravelas.

O mundo zarpa em direção ao lucro

As Grandes Navegações dos séculos XV e XVI foram tanto epopeias quanto empreendimentos comerciais. Portugal e Espanha, depois seguidos por Holanda, Inglaterra e França, se lançaram aos mares em busca de especiarias, metais preciosos, rotas estratégicas e tudo que pudesse ser contabilizado, estocado e vendido.

Cada novo território “descoberto” era, na prática, mais uma página no livro de ativos do império. Povos, culturas e paisagens eram lidos como recursos a serem explorados. África, América, Ásia — nada escapava à lógica do extrativismo e da conversão, seja religiosa ou econômica.

O nascimento do fazer para ter

Esse novo espírito deu origem ao **mercantilismo**, doutrina econômica dominante entre os séculos XV e XVIII. Nele, a riqueza de uma nação era medida pela quantidade de metais preciosos acumulados. Mais ouro no cofre, mais prestígio no mapa. E, para isso, era preciso **fazer**: conquistar, produzir, negociar, expandir.

O “fazer”, que já havia sido um meio de expressão pessoal ou moral, converteu-se agora em ferramenta de acumulação. Produzia-se para acumular. Acumulava-se para dominar. E dominava-se para continuar produzindo. Um ciclo que não demoraria a sair de controle.

As primeiras corporações do mundo

Foi nesse contexto que surgiram as primeiras corporações comerciais transnacionais: a Companhia das Índias Ocidentais, a Companhia Britânica das Índias Orientais, entre outras. Mais do que empresas, eram **máquinas de lucro estatizadas**, com exércitos próprios, tratados diplomáticos e monopólios continentais.

O comércio globalizou-se sob o signo da exploração. A economia, que até então orbitava em torno das necessidades da vida, agora se impunha como centro da própria existência. **A vida passou a girar em torno da economia.**

A nova identidade: eu tenho, logo sou

Nesse novo mundo, a riqueza material transformou-se em **único critério de relevância**. Não bastava mais ser nobre — era preciso **ter terras, navios, carregamentos de especiarias, produtos exóticos, escravizados, colônias**.

A nobreza tradicional começou a dividir espaço com uma burguesia em ascensão, para quem o “ser” era irrelevante diante da capacidade de “ter”. O prestígio passou a ser contado em arcas e inventários. A nova identidade moderna surgiu: **o sujeito se definia não mais por sua essência, mas por seu patrimônio.**

Do açúcar ao tabaco, do algodão ao ouro, tudo tinha preço, rota, escala — inclusive **o corpo humano**. O tráfico transatlântico de africanos escravizados foi o motor oculto da riqueza europeia. O lucro falava mais alto que a consciência.

O custo da abundância

É verdade que houve avanços: novos mapas, instrumentos de navegação, descobertas científicas e administrativas. Mas vieram acompanhados de um preço altíssimo: **devastação ambiental, destruição cultural, exploração em escala industrial**.

Tudo era justificado em nome da prosperidade. O mundo entrou numa espiral em que o sucesso coletivo era medido pela balança comercial, e o sucesso individual, pelo baú de posses. **A riqueza deixou de ser meio — tornou-se fim absoluto**. E qualquer meio passou a ser tolerável para se alcançar esse fim.

O início de uma obsessão

Foi nesse contexto que o “ter” se consolidou como nova identidade. A riqueza, antes buscada como garantia de segurança, passou a ser desejada por si só — **um fim narcísico, não uma necessidade**. O “eu sou” foi perdendo força. Em seu lugar, o “eu tenho” passou a brilhar. E para quem nada tinha, sobrava apenas o apagamento.

Mas havia um problema silencioso pairando sobre esse novo mundo: o “TER” depende de algo instável — **o desejo**.

VI. O SURGIMENTO DO CONTROLE EMOCIONAL: PAVLOV (1849 - 1936)

Séculos depois de o “TER” ocupar o trono antes reservado ao “SER”, surgiu um problema silencioso: como manter as pessoas **desejando**? Como garantir que o consumo não parasse, mesmo quando já não se precisava de mais nada?

Foi então que a ciência entrou em cena. E com ela, Ivan Pavlov² — um fisiologista russo, inicialmente interessado na digestão dos cães, mas que acabaria por abrir uma nova fronteira: **o controle do querer**.

A ciência entra em cena: Pavlov e o controle do querer

Com os experimentos de Pavlov trouxe o saber de que era possível moldar comportamentos, criar desejos artificiais, treinar reações emocionais com base em repetições associativas. Um sino tocava, a saliva vinha. A comida podia nem aparecer — o desejo, sim.

² PAVLOV P. I. Conditioned reflexes: An investigation of the physiological activity of the cerebral cortex. Ann Neurosci. 2010 Jul;17(3):136-41. DOI: 10.5214/ans.0972-7531.1017309. PMID: 25205891; PMCID: PMC4116985.

Essa descoberta, ainda que nascida num laboratório, **trouxe implicações sociais gigantescas**. Se é possível condicionar o comportamento de um cão, por que não o de um consumidor? Se o desejo pode ser fabricado, então o consumo pode ser programado.

Pavlov, sem saber, plantava as bases daquilo que se tornaria o **controle emocional do mercado**. Uma sociedade onde o “TER” já havia tomado o lugar do “SER” agora encontrava os meios para transformar o **querer** em mecanismo previsível — e explorável.

O Surgimento do Controle Emocional: Pavlov e a Ciência do Desejo

Em seus experimentos, Pavlov percebeu que não era necessário apresentar comida para que o cão salivasse. Bastava tocar um sino. Com o tempo, o som — um estímulo neutro — passou a evocar a resposta biológica que antes era exclusiva do alimento. Assim nascia o **condicionamento clássico**: estímulo → resposta.

O que parecia um simples reflexo condicionado revelava, na verdade, um mecanismo mais profundo: **as emoções e desejos podiam ser treinados, fabricados, instalados**. E se isso valia para um cão, por que não para um ser humano?

A Máquina do Desejo

A descoberta de Pavlov, embora feita em laboratório, não ficou confinada à ciência. Suas implicações logo alcançariam o tecido da cultura, da publicidade, da educação — e, inevitavelmente, da economia. **Se o desejo pode ser provocado artificialmente, então o consumo pode ser projetado**.

Pavlov, talvez sem intenção, plantou a semente daquilo que se tornaria **a engenharia emocional do mercado moderno**. A sociedade já dominada pela lógica do “ter” agora encontrava meios científicos de manter o desejo aceso, incessante — mesmo sem necessidade. Era o início da transformação da vontade em algoritmo.

VII. A APLICAÇÃO DO CONTROLE: WATSON E A EMOÇÃO COMO PRODUTO (1920 – 1950)

Quem de fato levou as ideias de Pavlov para dentro do comportamento humano foi o americano **John B. Watson**³. Ao observar os efeitos do condicionamento nos cães, Watson formulou uma provocação audaciosa: *“Se posso condicionar um cão, posso condicionar um ser humano”*.

³ WATSON, John B. O Behaviorismo Clássico. Coleção de oito textos (incluindo A Psicologia como o Behaviorista a Vê de 1913), organizados por Saulo Freitas Araujo e Bruno Angelo Strapasson. São Paulo: Hogrefe, 2021.

No famoso experimento com o pequeno Albert, Watson associou um estímulo neutro, inofensivo (um rato branco) a um ruído alto e assustador. Resultado: o bebê de 9 meses de idade passou a temer o rato.

O objetivo era provar que emoções, como medo ou prazer, podem ser fabricadas por meio de estímulos ambientais, ainda que irreais, em face da realidade — lembrando que o rato não tinha nada a ver com o ruído ensurdecedor e, também, que o ruído era inofensivo ao bebê.

Mais do que medo, o experimento revelou um princípio perturbador — **emoções humanas podem ser produzidas em laboratório**.

Essa **engenharia comportamental** logo se expandiu para além dos laboratórios. Educação, trabalho, consumo, publicidade, produção industrial e psicologia organizacional passaram a operar sob essa lógica de recompensas. Nascia um novo tipo de controle: invisível, eficiente e, paradoxalmente, desejado. A sociedade da recompensa estava em formação.

Medo, prazer, repulsa, apego — tudo pode ser induzido. Tudo pode ser moldado.

Watson abriu caminho para a ideia de que **a identidade emocional do ser humano é maleável e programável**, desde que se conheçam os estímulos corretos. A publicidade moderna, a pedagogia comportamental e até certas formas de manipulação política beberiam dessa fonte. O “ter” já não era apenas um objetivo — podia ser **implantado como necessidade emocional**.

Agora não é só o TER. É o induzir o TER.

VIII. O APERFEIÇOAMENTO DO CONTROLE: SKINNER E A CAIXA SOCIAL

A base teórica para a modelagem desse novo “ser” focado no “ter” pôde ser consolidada com os experimentos de **B. F. Skinner**⁴. Diferente de Pavlov, que lidava com reflexos, ou Watson, com emoções, Skinner aprofundou-se na modelagem de **comportamentos complexos e repetitivos** através do **condicionamento operante**. Com **Skinner**, o condicionamento ganhou refinamento.

Em sua famosa “**Caixa de Skinner**”, ele mostrou que ao oferecer recompensas específicas para certos comportamentos, era possível moldar ações com precisão. Era o **condicionamento operante**: ação → consequência → repetição.

O princípio é simples e devastadoramente eficaz. Quer que alguém continue fazendo algo? Recompense de forma previsível, mas não sempre. A **recompensa intermitente** é ainda mais viciante que a constante, paradoxalmente, quanto mais imprevisível a recompensa, mais viciante ela se torna. Skinner provou isso com pombos. O mercado aplicaria isso em escala industrial com humanos.

⁴SKINNER, B. F. Sobre o Behaviorismo. São Paulo: Cultrix, 10. ed., 2006

A engenharia do comportamento

Décadas depois, a internet, os aplicativos e as redes sociais levariam essa lógica ao seu auge. Os smartphones vieram a fazer do mundo uma extensão da caixa de Skinner — agora portátil, luminosa e interativa. O like virou reforço. A visualização virou validação. O feed virou caixa de Skinner.

A **engenharia comportamental** passou a alimentar os algoritmos das redes sociais, os gatilhos de aplicativos e os sistemas de retenção das plataformas digitais. A lógica é sempre a mesma: prender a atenção, reforçar o hábito, repetir o ciclo.

O comportamento tornou-se programável. O desejo, previsível. **Modelar pessoas inteiras por meio de estímulos e reforços sistemáticos.** Educação, trabalho, consumo, produção industrial, psicologia organizacional, marketing e propaganda — tudo passou a operar dentro desse modelo. É a **lógica do “ter” sob controle emocional.**

A identidade humana passou a orbitar em torno do **TER** — e o controle do TER passou a operar por meio de um sistema emocional finamente ajustado.

Nas redes sociais, cada **like, visualização e comentário** funciona como uma **recompensa instantânea**, um reforço que valida a exibição do que se possui ou se faz. O feed é a nova caixa. Os **algoritmos** atuam como os treinadores dessa nova caixa digital, personalizando os estímulos para manter o usuário engajado. O **prazer** torna-se fragmentado, constante e, muitas vezes, viciado.

O prazer tornou-se **fragmentado, constante e viciado**. As pessoas não exibem mais apenas o que têm. Elas **precisam ser vistas tendo**, porque é essa visibilidade que sustenta a sensação de existência. O TER virou o novo SER. E o SER foi reduzido a performance. O TER passou a ser o núcleo da identidade humana. E o controle do TER é operado por um sistema sofisticadíssimo: As grandes corporações — com seus dados, algoritmos e métricas de atenção — controlam o cenário com a precisão de um maestro. Mas a música que tocam é viciante. E toca o tempo todo. O prazer vem em pílulas digitais. E o valor pessoal se mede em cliques.

“Eu sou o que eu mostro. E sou visto enquanto mostro.”

Não se consome apenas o objeto. Consome-se a **validação pública** daquilo que se possui. A felicidade tornou-se uma mercadoria emocional digitalizada, embalada em filtros e entregue por curtidas.

De cães salivando a humanos deslizando a tela - O ciclo emocional programado

Dos gregos que queriam **saber**, aos romanos que queriam **dominar**, aos egípcios que queriam **ser eternos**, chegamos ao mundo onde o verbo dominante é **possuir — e ser visto possuindo**.

Controlados por estímulos cuidadosamente desenhados, **somos os cães de Pavlov 2.0** — conectados, geolocalizados, recompensados digitalmente. Com Wi-Fi, biometria facial e o desejo conduzido por um sistema que conhece nossos hábitos melhor do que nós mesmos.

A lógica é elegante — e cruel: **Desejo** → **Compra** → **Exibição** → **Like** → **Vazio** → **Novo desejo**.

O mercado não vende apenas produtos. Vende **identidade**, **pertencimento** e a ilusão de que isso tudo está a um clique de distância.

As grandes corporações, com acesso a dados, comportamento e tempo de tela, regem o espetáculo com precisão cirúrgica. E o espetáculo é viciante. Toca sem pausa. E faz todos dançarem.

Nesse cenário, o **"ter"** virou o novo **"ser"**. As pessoas mostram o que têm — bens, experiências, corpos, opiniões — na esperança de serem validadas e de sustentar a sensação de existência. A identidade humana é reduzida a uma performance: **"Eu sou o que eu mostro. E sou visto enquanto mostro."** Não se consome apenas o objeto em si, mas a **apreciação pública** daquilo que se possui. A felicidade, por sua vez, tornou-se efêmera, descartável, baseada na interação social digitalizada e em pílulas de prazer que rapidamente se esvaem.

IX. O PRESENTE: A CIVILIZAÇÃO DO TER-CONTROLADO

Com a chegada da internet, redes sociais, big data e inteligência artificial, o sistema de controle do desejo atingiu um nível nunca antes imaginado. Não é mais só controlar emoções ou reforçar comportamentos com estímulos simples como fizeram Pavlov, Watson ou Skinner.

Agora, as próprias aspirações humanas são constantemente recalibradas em tempo real, com base em:

- coleta massiva de dados (big data),
- algoritmos preditivos,
- inteligência artificial comportamental,
- mecanismos de validação social (likes, views, seguidores),
- cultura da comparação permanente.

Hoje, o TER não é mais apenas posse física. O novo TER inclui:

- Ter curtidas.
- Ter seguidores.
- Ter engajamento.
- Ter visibilidade.

A validação social digital tornou-se a nova moeda emocional.

As pessoas são instigadas a consumir não só produtos, mas imagens de si mesmas consumindo, numa vitrine pública de aceitação e sucesso.

Se no passado se consumia para viver melhor, hoje se consome para exibir o que se consome. O "like" é o reforçador positivo moderno, aplicando em escala global o que Skinner desenhou em sua caixa:

- Estímulo → Reação → Recompensa → Repetição.

Por trás disso estão conglomerados globais (Big Tech, Big Pharma, Big Finance, Big Media), que estruturaram algoritmos psicossociais de controle emocional e econômico de bilhões de pessoas.

X. O PONTO DE RUPTURA: A ERA DO CONSUMO DESENFREADO (2000 em diante)

O TER sozinho já não basta.

As pessoas querem SER VISTAS TENDO, querem SER VALIDADAS pelo outro. Assim, nasce:

- A ansiedade por likes.
- A síndrome de comparação.
- O vazio pós-postagem.
- A sensação constante de inadequação.
- A dependência afetiva digital.
- Esta é a face mais avançada do controle:

Controle da identidade emocional pelo capital social digital.

As redes sociais, como vitrines globais, transformaram cada indivíduo num microempresário de sua própria imagem, dependente da apreciação dos outros para manter sua autoestima.

O ciclo vicioso atual:

- 1** Produzir conteúdo (mostrar o TER).
- 2** Receber validação (like = recompensa dopaminérgica).
- 3** Sentir vazio (reforço negativo quando falta aprovação).
- 4** Voltar a produzir (reforço contínuo).
- 5** Manter o consumo externo (para gerar novos conteúdos a serem exibidos).

XI. A SOCIEDADE DA DEPENDÊNCIA AFETIVA DIGITAL

Nunca o humano esteve tão afastado do SER autêntico. O SER foi suprimido, o FAZER é utilitário, o TER é símbolo de pertencimento e o CONTROLAR virou um sofisticado jogo de engenharia emocional.

Somos hoje uma civilização onde:

- O mercado fabrica o desejo.
- As redes sociais manipulam a autoestima.
- Os algoritmos reforçam as inseguranças.
- O consumo sacia momentaneamente.
- O vazio retorna com mais força.

Nunca, em toda a sinuosa jornada do desejo humano, o SER autêntico esteve tão encurralado, tão sufocado pela avalanche do TER e pela astúcia do CONTROLAR. Os faraós queriam ser eternos, os gregos, sábios, os romanos, poderosos. Nós? Bem, nós chegamos ao ápice da paradoxal aspiração: a de **SER VISTO TENDO**. O que antes era uma busca por propósito ou glória, virou um show de vaidade digital, uma performance ininterrupta onde o palco é a palma da mão e a plateia, um algoritmo invisível e impiedoso.

No grande teatro da vida moderna, o SER foi jogado para os bastidores, relegado a um papel de figurante silencioso. O FAZER, que um dia foi arte ou ofício, tornou-se puramente utilitário, um meio para acumular e exibir, não um fim em si. E o TER? Ah, o TER virou a moeda de troca da existência, o passaporte para o pertencimento em um mundo onde a conexão é mediada por telas e a afeição, por coraçõezinhos digitais.

Somos, hoje, uma civilização que, de tão avançada tecnologicamente, parece ter regredido em autenticidade. Observe a orquestra sinfônica da dependência:

- **O Mercado fabrica o desejo:** Não mais esperando a necessidade surgir, mas implantando-a. Aquela nova bolsa, o tênis último lançamento, a viagem perfeita — tudo é sussurrado em nossos ouvidos digitais antes mesmo que saibamos que "precisamos". A vontade genuína foi substituída por um programa de metas de consumo.
- **As Redes Sociais manipulam a autoestima:** Com uma precisão quase poética, elas nos convidam a uma dança de autoexposição. Cada postagem é um convite à validação, cada "like" uma dose de dopamina que faz o peito inflar por um instante, antes que o vazio familiar retorne. A autoestima, antes construída em relações reais e conquistas pessoais, agora é um termômetro que flutua ao sabor dos cliques e das visualizações.

- **Os Algoritmos reforçam as inseguranças:** Esses maestros invisíveis, dotados de inteligência artificial comportamental, conhecem nossos medos, nossas carências e o que nos fará deslizar mais uma vez a tela. Eles nos mostram vidas "perfeitas" que nos fazem sentir "inadequados", incitando a competição silenciosa e a busca frenética por mais e mais "TER" para preencher um vazio que só aumenta.
- **O Consumo sacia momentaneamente:** O ato de "comprar" e "exibir" traz um prazer efêmero, uma pílula digital de satisfação. É como um band-aid brilhante sobre uma ferida profunda: por um instante, a dor da insignificância é aliviada. Mas o efeito passa, e o corpo pede mais.
- **O Vazio retorna com mais força:** E aqui reside a sátira mais cruel. Após a euforia do "like", da "visualização", do "ter visto", surge a ressaca digital. Aquele mesmo vazio que o consumo prometeu preencher retorna, mas agora amplificado pela efemeridade da recompensa. É um ciclo vicioso, elegantemente cruel, onde a humanidade, refém do seu próprio desejo fabricado, se torna um "cão de Pavlov 2.0" — salivando por uma tela, buscando uma aprovação que nunca é suficiente.

Estamos, portanto, imersos em uma civilização onde o "TER" não é apenas posse física, mas um complexo sistema de validação que inclui ter curtidas, seguidores, engajamento e visibilidade. Consumimos não apenas produtos, mas imagens de nós mesmos consumindo, numa vitrine pública incessante. O "like" tornou-se o reforçador moderno mais potente, aplicando em escala global o que Skinner tão brilhantemente desenhou em sua caixa. O mercado não vende apenas produtos; vende

Identidade, pertencimento e a ilusão de que tudo isso está a um clique de distância.

É um resumo brutal, mas real: a sociedade que outrora buscava o SABER, a DOMINAÇÃO ou a ETERNIDADE, agora se entrega ao vício moderno de **SER VISTO TENDO**:

O SER, que deveria ser o pilar, transformou-se em performance, em dados, em um alvo para algoritmos que, com precisão cirúrgica, nos mantêm dançando na melodia viciante da dependência afetiva digital. A pergunta que fica é: até quando a humanidade suportará ser mera extensão de uma tela, em busca de um "like" que nunca preenche o vazio da alma?

A humanidade tornou-se refém do seu próprio desejo fabricado.

XII. O CAMINHO DE VOLTA: A REVOLTA DO SER E O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA SISTÊMICA

O Colapso do TER

Com o renascimento das cidades e o florescimento do comércio, a Europa se transforma. As rotas de navegação ligam continentes. O ouro, as especiarias, os corpos escravizados e os produtos exóticos redefinem o valor do *TER*. O *TER* deixa de ser herança e vira conquista. O mundo entra, definitivamente, na lógica do *FAZER para TER*. O ideal de *SER* é empurrado para o canto — substituído por produtividade, acúmulo e expansão colonial. O *TER* vira símbolo de progresso... e de dominação.

Quando Até a Alma se Cansa

Mas esse modelo cansa. E cansa fundo. O planeta geme sob o peso do excesso: aquecimento global, esgotamento de recursos, colapso emocional coletivo, ansiedade crônica, depressão em série. Uma espécie inteira à beira de um burnout espiritual. A comédia do “cão de Pavlov 2.0” — dopado por *likes*, métricas e dopamina digital — perde a graça. E quando a piada deixa de ser engraçada, é porque talvez tenha chegado a hora de mudar o roteiro.

A Virada: Do TER ao SER

Surge, então, a urgência da inversão: não mais do *SER para TER*, mas do *TER de volta ao SER*. A alma coletiva começa a sentir falta de algo que não sabe nomear — talvez sentido, talvez presença, talvez apenas silêncio. É nesse contexto que a **Teoria da Razão**⁵, aplicada pelo **Método SURGIR SISTÊMICO**, se apresenta como um farol na névoa. Não como negação do *TER* ou do *FAZER*, mas como uma reordenação dos papéis: o *SER* volta ao centro do palco, e o resto vira coadjuvante.

A Espiral Que Nos Consome

Estamos numa espiral bem conhecida:

- Produzimos mais do que conseguimos consumir.
- Consumimos mais do que realmente precisamos.
- Nos expomos mais do que somos.
- E, ironicamente, somos cada vez menos o que verdadeiramente somos.

⁵ JACAÚNA, Arnaldo; PINATO, Edna; PINATO, Priscila. Teoria da Razão. 1. ed. [S.l.]: Editora Empresa Azul, 2023. ISBN 978-65-00-81912-0.

Enquanto isso, o planeta grita. A psique humana também. Epidemias silenciosas de vazio, angústia e hiperestimulação nos rondam feito sombras. E o modelo do FAZER e TER como bússola existencial já deu o que tinha que dar.

A Nova Lógica Evolutiva

Só há um caminho sustentável: reverter a lógica corrigindo a inversão que se mostrou desastrosa. Não se trata de demonizar o *fazer* ou o *ter*, mas de recolocá-los a serviço da evolução do *ser*. O FAZER e o TER deixam de ser os senhores do castelo e passam a servir ao rei verdadeiro: o SER.

“Ser o melhor que posso ser, para mim, para os meus, para o planeta.”

Esse é o novo eixo. Mas não há mágica: o SER não brota do nada. É preciso *trabalho interno*, autoconhecimento, reconfiguração.

Três Verdades do Novo Modo de Existir

1. O SER não tem teto.
2. O DESEJO tem limite psicológico.
3. O PLANETA tem limite físico (e a saúde mental também).

O Método SURGIR SISTÊMICO: A Engenharia do Despertar

A Teoria da Razão propõe uma arquitetura interna nova, ou talvez, muito antiga. Uma espécie de renascimento racional da alma. Um retorno à sabedoria ancestral sem se prender a nenhum dogma. E o método se dá assim:

Desprogramar o condicionamento emocional artificial

Entender que fomos treinados a salivar por recompensas rápidas. Que o feed é uma caixa de Skinner portátil. E que sair dela é o primeiro passo rumo à liberdade emocional.

Reativar o governo interno do próprio Sistema Humano

O SER retoma o controle. A consciência se torna soberana. As reações deixam de ser automáticas, os desejos param de ser instalados por notificações.

Trocar prazer efêmero por prazer autêntico

A dopamina do "like" é curta. A satisfação da evolução interna — do aprendizado, da conexão genuína — é profunda. É a troca de fast-food emocional por alimento de verdade.

Focar no SER, cujo potencial é infinito

O TER tem um teto. O SER não. Sabedoria, virtudes, integridade: isso não cabe em carrinhos de compra.

Colocar o FAZER e o TER a serviço do SER

Trabalho e posses deixam de ser provas de status. Viram expressões de propósito. Construtores de sentido.

Libertar-se do vício do reconhecimento digital

O desmame é duro, mas libertador. Ser quem se é — sem plateia, sem performance. Só SER.

E o Que Vem Depois?

Pessoas emocionalmente autônomas. Menos ansiedade. Mais presença. Relações verdadeiras em vez de curtidas. Cooperação ao invés de competição predatória. Modelos de trabalho centrados em propósito, não apenas em lucro. Um novo tipo de progresso: aquele que não destrói para construir.

A Esperança (Sim, Ela Ainda Está Aqui)

O maior paradoxo da nossa era talvez seja a nossa maior esperança: **só ao libertar o SER, salvamos o planeta.**

A lógica antiga dizia: *“Se eu não tiver, não sou.”* A Teoria da Razão propõe outra:

“Quanto mais EU SOU, melhor eu FAÇO — e só então TER faz sentido.”

É isso. Um convite direto à redescoberta.

Não nas telas, mas no profundo e ilimitado potencial do SER.

XIII. O MÉTODO SURGIR SISTÊMICO - APLICAÇÃO VIVA DA TEORIA DA RAZÃO

A Aplicação Viva da Teoria da Razão

Depois de expor o colapso do modelo centrado no TER, e apontar o SER como novo eixo evolutivo, resta a pergunta mais difícil e mais necessária:

Como mudar, de fato?

A Teoria da Razão (TR) responde com uma proposta concreta. Ela oferece o **"como" da transição**, não como fórmula mágica, mas como mapa realista para a reconstrução interna.

O Ser Humano como Sistema Consciente

A base da TR é radical e simples:

O ser humano é um Sistema Múltiplo de Consciências – interativo, dinâmico, biológico e energético.

Ou seja, não somos uma entidade linear com uma mente centralizada, mas um ecossistema interno com diferentes vozes, funções e potências. A saúde e a realização vêm do equilíbrio entre essas partes.

O Coração do Método: O Surgir Sistêmico

O Método SURGIR SISTÊMICO é a aplicação prática da TR. Ele integra quatro eixos centrais:

I. Autoconhecimento Profundo — Os Arquétipos do Sistema Humano

Inspirado na linguagem simbólica dos arquétipos internos, o método trabalha com figuras que espelham estruturas reais do nosso funcionamento psicoemocional:

- **Rei** → Projeto de vida, direção, propósito.
- **Rainha** → Execução, gestão, a ordem que dá forma à intenção.
- **Príncipe** → Proteção, vigilância, os mecanismos que zelam pelo Sistema.
- **Banco do Povo** → A base inconsciente: memórias, traumas, registros transgeracionais que influenciam nosso comportamento sem aviso prévio.

Esses elementos não são metáforas poéticas, mas *funções psíquicas integráveis*, que precisam dialogar, cooperar e se alinhar ao SER.

2. Abordagens Psicológicas Convergentes

O método não toma partido de uma única escola psicológica. Pelo contrário, **integra comportamentalismo, psicanálise e visão sistêmica**, respeitando a complexidade da psique humana e utilizando a ferramenta certa para cada camada do ser.

3. Neurociência Aplicada à Evolução

A TR compreende os **neurotransmissores** não apenas como "hormônios do prazer", mas como **mensageiros biológicos da coerência interna**: dopamina, serotonina, oxitocina e cia. não estão aqui para nos viciar, mas para nos guiar ao equilíbrio. Aprender a gerenciá-los é essencial para sustentar o SER integral.

4. Espiritualidade Evolutiva (sem misticismo confuso)

A **psicologia espiritual** do método considera que parte do sofrimento humano vem de uma desconexão com dimensões mais profundas da existência. **Não se trata de religião.** É sobre sentido.

A Consciência Sistêmica é capaz de arquitetar sua própria evolução.

Essa espiritualidade é terapêutica: resgata práticas e símbolos de tradições ancestrais (sem colonizá-las), e os coloca a serviço do crescimento interno, da cura e da liberdade pessoal.

Os 6 Movimentos-Chave do Método

O Método SURGIR SISTÊMICO conduz essa transição em seis movimentos claros. Nenhum deles é instantâneo, mas todos são possíveis:

1. Desprogramar o condicionamento emocional artificial

Pavlov, Watson, Skinner) — Sair do piloto automático. Identificar os gatilhos que nos controlam. Cortar os fios invisíveis.

2. Reativar o governo interno

Retomar o trono. Não mais ser arrastado pelas reações. Assumir a autoria da própria vida.

3. Substituir o prazer efêmero pelo prazer autêntico de evolução

Menos dopamina de curtidas, mais serotonina de presença. O prazer da jornada, não da performance.

4. Focar no SER (cujo potencial não possui teto)

O TER é limitado. O SER é infinito — e intransferível.

5. Colocar FAZER e TER a serviço do SER

Ações e posses ganham novo sentido: não são fim, mas expressão.

6. Libertar-se do vício da validação digital

A maior das coragens: ser quem se é sem precisar ser visto. Sem precisar ser curtido. Só ser.

CONCLUSÃO: O RETORNO PARA CASA (SEM GPS, MAS COM BÚSSOLA INTERNA)

Chegamos, enfim, ao ponto de virada. Não aquele final redondo, com créditos subindo e música de fundo. Mas um final de capítulo — aquele momento em que o personagem principal (você, no caso) entende que a jornada verdadeira é de dentro para fora.

O mundo lá fora seguirá com suas promessas barulhentas. As vitrines continuarão piscando. Os algoritmos seguirão tentando adivinhar seus desejos antes mesmo que você os sinta. Mas agora, talvez, algo tenha mudado. Talvez tenha surgido uma fagulha de autonomia, um desconforto com a programação automática. Uma saudade do que você ainda nem viveu, mas já sabe que precisa.

O Método SURGIR SISTÊMICO não oferece atalhos. Não promete iluminação instantânea nem avatar dourado. O que ele propõe é simples — e por isso mesmo, radical: **recuperar o SER como eixo**, reorganizar o FAZER e o TER como ferramentas, e restaurar o governo interno do Sistema Humano.

É uma espécie de revolução silenciosa, que começa no território mais difícil de todos: você mesmo.

Porque a verdadeira mudança não será transmitida ao vivo. Não terá dancinha, nem filtro. Ela se revelará nos detalhes:

No modo como você respira.

Na atenção que você dá.

Na paz que sente ao fazer menos — mas fazer com sentido.

A Teoria da Razão não fecha nada. Ela abre.

Abre espaço para uma nova forma de evoluir, onde o progresso é medido em integridade, e não em seguidores.

Abre a possibilidade de um planeta sustentável — a partir de um ser humano mais inteiro.

E se o mundo inteiro ainda gira na lógica do TER, talvez você já tenha iniciado o caminho de volta. O caminho do SER. Sem GPS, mas com uma bússola interna que, agora, finalmente, você começa a ouvir.

BIBLIOGRAFIA:

CHRISTOPHER, R. A critical consideration of B. F. Skinner's contribution to applied behavior analysis. Behavior Analysis: Research and Practice, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 106–118, 2021. Disponível em: <https://par.nsf.gov/servlets/purl/10314766>. Acesso em: 12 fev. 2025.

DAM VA, DAO NG, NGUYEN DC et al.: Qualidade de vida e saúde mental de adolescentes: relações com o vício em mídias sociais, medo de ficar de fora e estresse associado à negligência e reações negativas de colegas online . PLoS One. 2023,18:e0286766. 10.1371/journal.pone.0286766.

FERNANDES, Marília; SOUZA, Ricardo de. “Companhias de comércio e o comércio ultramarino: Companhia Britânica e Companhia das Índias”. *Revista Brasileira de História Econômica*, v. 23, n. 1, p. 55–78, jan.–jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-2080.2018.v23n1.04>. Acesso em: 20 fev 2025.

HARTSOCK, Jane; HALVERSON, Colin. Lost in translation: the history of Ebers Papyrus and Dr. Carl H. von Klein. *Journal of the Medical Library Association*, v. III, n. 4, out. 2023. DOI: 10.5195/jmla.2023.1755. Disponível em: <https://doi.org/10.5195/jmla.2023.1755>. Acesso em: 09 fev. 2025.

JACAÚNA, Arnaldo; PINATO, Edna; PINATO, Priscila. Teoria da razão. 1. ed. [S.l.]: Editora Empresa Azul, 2023. ISBN 978-65-00-81912-0.

MARINASILVAOFICIAL. Numa cosmovisão onde a base de orientação é fazer e ter... Publicação referente a entrevista concedida pela autora ao jornalista Bruno Torturra, em 2015. [Instagram], 8 fev. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DF0C-aXuTiL/?igsh=MWJzZGIrdGdyZ3dybA==>. Acesso em: 9 fev. 2025.

NATIONAL GEOGRAPHIC EDUCATION. Greek Philosophers. Education at National Geographic, 2023. Disponível em: <https://education.nationalgeographic.org/resource/greek-philosophers/>. Acesso em: 4 fev. 2025.

PAVLOV P. I. Conditioned reflexes: An investigation of the physiological activity of the cerebral cortex. *Ann Neurosci*. 2010 Jul;17(3):136–41. DOI: 10.5214/ans.0972-7531.1017309. PMID: 25205891; PMCID: PMC4116985. Acesso em 28 fev. 2025.

POPAT A, TARRANT C: Explorando as perspectivas de adolescentes sobre mídias sociais, saúde mental e bem-estar - uma revisão qualitativa da literatura . *Clin Child Psychol Psychiatry*. 2023, 28:323-37. 10.1177/13591045221092884

PRIMACK BA, SHENSA A, SIDANI JE et al.: Uso de mídias sociais e isolamento social percebido entre jovens adultos nos EUA . *Am J Prev Med*. 2017, 53:1-8. 10.1016/j.amepre.2017.01.010

SILVA, Ana C. da; PEREIRA, João R. Colonialismo, extrativismo e consequências ambientais: uma perspectiva histórica (1500–1800). *Revista de Estudos Interdisciplinares em Ciências Sociais*, v. 14, n. 2, p. 112–139, dez. 2021. Disponível em: <https://www.reics.org.br/artigos/vol14n2/colonialismo-extrativismo>. Acesso em: 4 fev. 2025.

SKINNER, B. F. Sobre o Behaviorismo. São Paulo: Cultrix, 10. ed., 2006.

VASILIU, Dana. Feudalism and the medieval societal hierarchy. ResearchGate, 2019. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/333675110_Feudalism_and_the_medieval_sociatal_hierarchy. Acesso em: 4 fev. 2025.

WATSON, John B. O Behaviorismo Clássico. Coleção de oito textos (incluindo A Psicologia como o Behaviorista a Vê de 1913), organizados por Saulo Freitas Araujo e Bruno Angelo Strapasson. São Paulo: Hogrefe, 2021.

WIKIPEDIA. Pre-Socratic philosophy. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Pre-Socratic_philosophy. Acesso em: 15 fev. 2025.

ZILIĆ, Mirdin; JABUČAR, Anesa; KOLIĆ, Lejla. From Antiquity to Posterity: Analyzing the Corpus Iuris Civilis and Its Lasting Impact on Roman Law. EPOHI [EPOCHS], v. XXXI, no 1, p.37-56, 2024. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/381927193_From_Antiquity_to_Posterity_Analyzing_the_Corpus_Iuris_Civilis_and_Its_Lasting_Impact_on_Roman_Law. Acesso em: 18 fev. 2025.

Bozzola E, Spina G, Agostiniani R, et al.: O uso de mídias sociais em crianças e adolescentes: revisão de escopo sobre os riscos potenciais. Int J Environ Res Saúde Pública. 2022, 19:9960. 10.3390/ijerph19169960

ÍNDICE DOS CAPÍTULOS:

- I. OS EGÍPCIOS E A IMORTALIDADE (3000 A.C. - 500 A.C)
- II. O NASCIMENTO DO DESEJO DE SABER: OS GREGOS (500 A.C. - 300 A.C.)
- III. O DESEJO ROMANO DE SER PODEROSO E ETERNO (200 A.C. - 400 D.C.)
- IV. O FEUDALISMO: O TER HEREDITÁRIO E SAGRADO (400 - 1500)
- V. O MERCANTILISMO: O FAZER PARA TER (1500 - 1800)
- VI. O SURGIMENTO DO CONTROLE EMOCIONAL: PAVLOV (1849 - 1936)
- VII. A APLICAÇÃO DO CONTROLE: WATSON E A EMOÇÃO COMO PRODUTO (1920 – 1950)
- VIII. O APERFEIÇOAMENTO DO CONTROLE: SKINNER E A CAIXA SOCIAL
- IX. O PRESENTE: A CIVILIZAÇÃO DO TER-CONTROLADO
- X. O PONTO DE RUPTURA: A ERA DO CONSUMO DESENFREADO (2000 EM DIANTE)
- XI. A SOCIEDADE DA DEPENDÊNCIA AFETIVA DIGITAL
- XII. O CAMINHO DE VOLTA: A REVOLTA DO SER E O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA SISTÊMICA

XIII. O MÉTODO SURGIR SISTÊMICO - APLICAÇÃO VIA TEORIA DA RAZÃO

CONCLUSÃO: O RETORNO PARA CASA (SEM GPS, MAS COM BÚSSOLA INTERNA)

F I M

Mini Bio dos Autores:

Edna Pinato é advogada, auditora fiscal, neurocientista e arteterapeuta pelo método Surgir Sistemico da Teoria da Razão. É reitora da Academia de Autoconhecimento GDM desde 2011 e tutora da Escola de Sabedoria GDM. Coautora do livro *Teoria da Razão*.
✉ ednapinato@gmail.com

Priscila Pinato é psicóloga, médica pediatra, especialista em psicopedagogia e medicina de família, além de criadora do Método Surgir Sistemico. Atua como tutora do Programa Razão Kids e é mestre em Saúde da Família pela Fiocruz-DF. Co-autora do livro *Teoria da Razão*.
✉ drapriscilapinato@gmail.com

Arnoldo Jacaúna é bacharel em Direito, empresário e arteterapeuta pelo método Surgir Sistemico da Teoria da Razão. É diretor da Escola de Sabedoria GDM e Co-autor do livro *Teoria da Razão*.
✉ arnoldodireitoII@gmail.com

Para saber mais:

Canal: <https://www.youtube.com/@teoriadarazao> | Site: <https://www.teoriadarazao.com/>
Instagram: [@teoriadarazao](https://www.instagram.com/teoriadarazao) | E-mail: saudemental@teoriadarazao.com

O que esse texto é:

- **Gênero:** Este trabalho se insere no gênero **Ensaio Acadêmico-Científico**, que permite aos autores explorar, argumentar e propor ideias originais a partir de um olhar crítico e reflexivo. O objetivo não é esgotar o tema, mas sim contribuir para o debate por meio de uma perspectiva singular e fundamentada.

Ancorado teoricamente no *Método Surgir Sistêmico* da *Teoria da Razão*, o ensaio traça uma linha evolutiva das aspirações humanas, analisando como o desejo de **ter** gradualmente suplantou o desejo de **ser**. A proposta central é apontar caminhos para a retomada do SER como eixo da identidade humana. O texto também aprofunda uma crítica contundente à dependência afetiva digital que marca a sociedade pós-internet, revelando os mecanismos de controle emocional embutidos na lógica do consumo contemporâneo.

- **Objetivo:** Explora a trajetória evolutiva das aspirações humanas e propõe uma inversão consciente desse ciclo, retomando o “ser” como eixo da existência.
- **Estrutura:** Dividido cronologicamente em seções (Egito, Grécia, Roma, Feudalismo, Mercantilismo, Pavlov, Watson, Skinner, Sociedade Digital, Algoritmos, etc.) até chegar na proposta prática da *Teoria da Razão* com o *Método Surgir Sistêmico*.
- **Estilo:** Reflexivo, ensaístico, didático e poeticamente elaborado. Usa referências históricas, filosóficas, psicológicas e neurocientíficas de forma acessível.
- **Público-alvo:** Leitor geral interessado em psicologia, filosofia, sociedade, desenvolvimento pessoal, crítica cultural, sociedade de consumo, sociedade digital, controle emocional, sociedade da dependência afetiva digital.
- **Tempo de Leitura:** 37 minutos.